

3

A RESSIGNIFICAÇÃO  
ATRIBUÍDA PELA  
IGREJA UNIVERSAL  
DO REINO DE DEUS  
AOS SÍMBOLOS E  
PRÁTICAS  
UMBANDISTAS

**Lion Granier Alves**

Especialista em Ensino Religioso pela UNIVES,  
bacharel em Teologia pela UNIDA.

## RESUMO

Análise crítico-interpretativa do processo da resignificação a partir da combinação dos símbolos e práticas religiosas da Umbanda no espaço sagrado da Igreja Universal do Reino de Deus. Tentativa de compreender a intolerância religiosa da denominação no campo religioso brasileiro. Uma hermenêutica do discurso de “Demonização” das entidades da Umbanda.

**Palavras-chave:** Resignificação. Guerra Religiosa. Umbandização.

## INTRODUÇÃO

O presente ensaio trata das práticas sincréticas tão presentes na grande diversidade religiosa brasileira. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) vem discursando nas rádios e nas tevês contra as religiões afro-brasileiras. Com intolerância religiosa, a instituição atribui resinificados às práticas e símbolos umbandistas. Essa resignificação é uma estratégia do movimento para evangelizar fiéis das religiões “espiritualistas”. Busca-se uma análise do processo da “demonização” de práticas, símbolos e entidades da Umbanda no espaço sagrado da IURD.

## O PROCESSO DE UMBANDIZAÇÃO A PARTIR DA RESSIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS

A religião é uma produção cultural de um povo que tem a potencialidade de caracterizar uma nação. A formação dos elementos religiosos no campo religioso brasileiro possivelmente se deu através do sincretismo religioso. Em um contexto brasileiro, devido seu próprio histórico de matriz religiosa é percebido que os colonizadores portugueses trouxeram predominâncias de diversas tradições e costumes, sendo eles segundo os esclarecimentos de Ferretti, “desde os romanos na Antiguidade e através de toda idade média com os

chamados povos germânicos e depois com os árabes e judeus, até a época do descobrimento" (FERRETTI, 2007, p. 4).

Após a conquista do Brasil, ampliaram-se ainda mais as variedades de culturas no território nacional, já constavam aqui a vasta cultura indígena e vieram do continente africano um povo escravizado com línguas, costumes e crenças diferentes das daqui presentes. Assim o contato entre múltiplas culturas sempre foi característico da nossa sociedade, embora na maior parte do tempo com predomínio da cultura indígena. O sincretismo possui diversos aspectos, Castro diz que: "ao pensar em sincretismo, pode-se pensar em: negociação, interação, confronto, transmissão, mistura, adaptação, assimilação, sondagem, transposição, identificação, simbiose, fusão, amálgama, alienação, dinamismo, confluência e interação." (CASTRO, 2006, p. 29). Outra definição de Sincretismo segundo Herskovits é: "uma forma de reinterpretação, que assinala aspectos da mudança cultural com transformações de valores que ocorrem entre as gerações e apresenta exemplos relacionados com as religiões afro-brasileiras" (HERSKOVITS, 1969, p. 376).

Segundo os esclarecimentos de Pranti (1995), "a religião negra no Brasil como organização foi formada há pouco tempo, devido a última caravana de escravos trazidos da África para os últimos anos de escravidão no Brasil no século XIX" (HERSKOVITS, 1995, p. 66). Os navios negreiros perdurou durante mais de trezentos e cinquenta anos pelo oceano atlântico com um contingente de cativos destinados aos trabalhos escravo, transportavam não só a mão de obra mas também a sua personalidade, crença, sua maneira de ser e de se comportar. O candomblé passou a crescer em 1960, sua expansão se dava nas capitais do sudeste. De acordo com Prandi, a expansão das religiões brasileiras se deu dessa forma, "candomblé na Bahia, xangô em Pernambuco e Alagoas, tambor de Mina no Maranhão e Pará, batuque

no Rio Grande do Sul, e macumba no Rio de Janeiro” (PRANDI, 1995, p. 2). De acordo com os esclarecimentos de Prandi sobre surgimento das vertentes do candomblé e a disseminação na Umbanda pelo território nacional:

Na Bahia originou-se também o muito popular candomblé de caboclo e o menos conhecido candomblé de egum. Mais recentemente, no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, constituiu-se a umbanda, que logo se disseminou por todo o país, abrindo, de certo modo, caminho para uma nova etapa de difusão do antigo candomblé (PRANDI, 1996, p. 64).

Segundo ele o candomblé era uma religião exclusivista, sendo ela exclusiva para negros e mulatos. Sua permanência era limitada, confinado sobre tudo na Bahia e Pernambuco, reduzidos a “grupos de descendentes de escravos localizados aqui e ali em distintas regiões do país” (PRANDI, 1996, p. 65). Na década de 60, o candomblé passou a oferecer ao cidadão uma religião não só de origem africana, abrindo suas portas para todos os cidadãos brasileiros e se expandindo pelo Brasil. Nessa mesma década, com a larga imigração do nordeste para as capitais industrializadas, o candomblé começa a penetrar nos territórios da Umbanda, e assim muitos adeptos da Umbanda começaram a abandonar a religião e segundo Prandi, “velhos umbandistas começaram e se iniciar no candomblé, muitos deles abandonando os ritos da Umbanda para se estabelecer como pais e mães de santo das modalidades mais tradicionais de culto aos orixás” (PRANDI, 1995, p. 67).

Nesse mesmo século segundo Prandi começava a crescer no Brasil o movimento espírita, conhecido como Kardecismo, que chegara ao Brasil na segunda metade do século XIX, vindo da França. A base da doutrina desta nova religião era a possibilidade de comunicação dos vivos com os mortos e a crença na teoria da reencarnação. Por se tratar de uma religião nascida no seio intelectual francês, agregava

elementos que se diziam em parte científicos, em parte filosóficos e religiosos. No Brasil, o espiritismo encontrou terreno fértil para se disseminar, principalmente entre as classes mais intelectualizadas da sociedade. Porém esta aceitação não era unânime. Setores mais conservadores da sociedade não só religiosos viam nesta nova religião uma ameaça e logo o termo espiritismo foi associado às antigas práticas de feitiçaria e curandeirismo já existentes no Brasil. Ao ser comparada com as religiões afro-brasileiras que constavam no território nacional, ocorre uma divisão dentro do espiritismo, vejamos a explicação de Negrão:

O “alto” Espiritismo seria, portanto, religião protegida pelo Estado, culto semelhante aos demais e livre, inspirado nos nobres princípios da caridade, envolvendo pessoas instruídas de elevada condição social. O “baixo” Espiritismo seria a prática de “sortilégios”, de feitiçaria e curandeirismo enquadráveis no Código Penal, despido de moralidade e motivado por interesses escusos, envolvendo pessoas desclassificadas socialmente e ignorantes. É obvio que as práticas mágico-religiosas de origem negra enquadravam-se dentro desta última categoria (NEGRÃO, 1996, p. 43).

A partir desse momento conturbado de perseguição as práticas e símbolos das religiões espiritualistas no Brasil, surge o primeiro movimento da Umbanda ocorre em 1920, no Rio de Janeiro. Segundo Gaspar *apud* Carrer (2005), “a umbanda foi revelada na incorporação de um caboclo num médium chamado Zélio de Moraes, dentro de um centro kardecista” (GASPAR *apud* CARRER, p. 25, 2005). Ao analisar a data desse feito, deparamos com discordâncias de autores a respeito do principio da umbanda. De acordo com Gaspar *apud* Carrer (2005):

A autora Patrícia Birman (2000) e Sandra Machado (2003) apontam para o ano de 1937; para os autores Magnani (1991) e Pierucci (1999) o ano foi 1920; e Eneida Gaspar (2005) e Robson Pinheiro (1997) apontam o ano de 1908 como sendo o da primeira manifestação de um caboclo, que se identificou como Caboclo das Sete Encruzilhadas, incorporado no médium Zélio de Moraes num centro kardecista de Niterói (CARRER, 2005, p. 25).

Deparamos com divergências de opiniões sobre a data do surgimento da Umbanda, mas a grande maioria dos especialistas diz que seria Zélio de Moraes, o primeiro a usar o termo Umbanda e a incorporar um caboclo em centro Kardecista. Podemos dizer a partir dessas informações que este é o nascimento oficial da Um-banda. Foi fundado por Zélio de Moraes o primeiro centro de umbanda, que segundo Prandi (1990) “teria nascido como dissidência de um kardecismo que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerado pelos kardecistas mais ortodoxos como espíritos inferiores” (PRANDI, 1990, p. 54). Fundado em Niterói, este centro de umbanda muda-se para o centro do Rio de Janeiro em 1938, nascida do sincretismo religioso entre o Espiritismo Kardecista e o Candomblé, consta agora na Umbanda, uma grande variedades de características religiosas não somente dessas duas religiões, mas com a sua disseminação, muitos fieis da Macumba, feitiçaria, curandeirismo tomaram ainda mais essa religião “africanizada”. Para maior esclarecimento vejamos Carrer:

[...] isto causou uma multiplicidade de características presentes na Umbanda. Enquanto de um lado ela nascia “embranquecida” pelos adeptos que vinham de uma tradição Kardecista, mais europeizada e intelectualizada, de outro lado ela recebia adeptos da Macumba, feiticeiros negros, curandeiros, que lhe imprimiam um caráter mais africanizado e buscavam resgatar suas raízes afro através dela, trazendo influências do Candomblé e de outras práticas afro-brasileiras. Neste sentido, a Umbanda já nasce entre dois polos opostos: de um lado representantes de uma “Umbanda branca”, cujas principais influências eram do Kardecismo; de outro lado os representantes de uma “Umbanda afro”, cujas principais influências eram do Candomblé. E foi entre estes polos que a Umbanda foi crescendo cada vez mais e se espalhando por várias capitais de nosso país (CARRER, 2005, p. 31).

Investigando em primeiro momento a organização da Umbanda, percebemos que assim como outras religiões, na Umbanda constam divisões de cargos, de acordo com Fonseca e Morais, consta na Umbanda “pai” ou “mãe” de santo ou chefe de falange, guias, laôs e

Camponos. Entretanto esta divisão não é intransigente, uma vez o culto ocorre em serviço das entidades e esta pode se apossar de um membro de cargo “inferior”. Dentro dos rituais da Umbanda é muito comum à utilização de ervas e banhos com objetivo de “descarrego”, seja ele indivíduo ou do terreiro, com o intuito de atrair energias positivas, pessoas e dinheiro. Basicamente existem dois tipos de banho, de Descarga/Limpeza e de Energização/Fixação banhos de descargas.

Os banhos são rituais, que faz uso de elementos da natureza de forma metódica com o finalidade de troca energética entre o indivíduo e a natureza, a fim fornecendo equilíbrio energético e mental. Um exemplo do resinificado na IURD e o banho de sal e o Banho de Ervas. O banho de sal na umbanda é conhecido como banho de descarga, estes banhos servem para livrar o indivíduo de cargas energéticas negativas. Para maiores esclarecimentos vejamos a explicação do Centro de Umbanda Cabloco Tumpinambá.

[...] vamos passando por vários ambientes, trocamos impressões com todo o tipo de indivíduo e como estamos num planeta atrasado em evolução espiritual, a predominância do mal e de energias negativas são abundantes. Todo este egrégora formado por pensamentos, ações, vão criando “larvas astrais”, miasmas e toda a sorte de “vírus” espirituais que vão se aderindo à aura das pessoas. Por mais que nos vigiemos, ora ou outra caímos com o nosso nível vibratório e imediatamente estamos entrando neste egrégora. Então o banho de sal é dado com o objetivo de absorver os átomos eletricamente carregados de carga negativa, que chamamos de íons. Como, em tudo há a sua contra parte etérica, a função do sal é também tirar energias negativas aderidas na aura de uma pessoa. Então este banho é eficiente neste aspecto, já que a água em união como o sal, “lava” todo o aura, desmagnetizando- o negativamente (CENTRO DE UMBANDA CABLOCO TUMPINANBÁ, 2009).

O Banho de ervas é provavelmente herdado de práticas indígenas, o raciocínio mítico sobre as ervas se encontra atrelado a reflexões sobre a energia mágico-universal, sagrada e positiva. É válido lembrar que cada erva tem sua entidade específica e sua forma correta de preparo, as mesmas devem ser cuidadosamente

preparadas. Na IURD em dado momento da semana, acontece o culto do “descarrego”, sendo ele um culto que atribui novos significados e práticas que são oriundos das religiões afro-brasileiras, um dos objetivos do culto é combater a umbanda.

Alguns pastores neste culto usam vestimentas brancas, que por sinal nas duas religiões o símbolo da vestimenta aponta para assepsia da alma, calma, paz espiritual e serenidade. Dentre os princípios da Umbanda, um dos elementos de grande significância e fundamento é o uso da roupa branca. Dentre muitos elementos que se usam IURD para o “descarrego”, um deles é o sal. No interior do templo é feito o “Vale do Sal”, é um ritual onde o fiel passa por um vale de sal feito dentro do templo, ou seja, tem como o purificação da alma do fiel de todo vícios, doenças e maldições oriundas de entidades das religiões afro-brasileiras. Vejamos uma análise de um determinado momento do culto do descarrego segundo as palavras de Biachetti (2011), a qual fez uma pesquisa de campo da IURD de Jacentinho, Rio Grande do Sul:

[...] chega-se então à “oração do descarrego”, momento no qual os obreiros se concentram em observar propensos alvos, ou melhor, pessoas com sintomas de incorporação, os dois pastores são responsáveis pelas orações, tão intensa de gritos é a oração que os mesmos, quando cansam a garganta, revezam o microfone. É por meio da oração que os líderes invocam as entidades a se manifestarem no templo, momento ritual onde é comum escutar-se: “Você, espírito maldito, manifesta agora! Vamos!” ou “Você, espírito de Pomba-gira, Zé Pilintra, Exu Caveira, Exu da morte que fazem com que essas pessoas sofram, manifestem agora em nome de Jesus!”, a partir daí as entidades invocadas por eles vão se manifestando uma a uma (BIACHETTI, 2011, p. 4).

Ao darmos continuidade a análise de Biachetti, a denominação juntamente com os líderes da IURD deixa bem claro que o intuito da “sessão do descarrego” é para a eliminação das entidades afro-brasileiras, pois elas trazem uma diversidade de males para a humanidade. “Quando as entidades já se apresentam relativamente



passivas às ordens dadas, o pastor começa o show, momento que consiste em entrevistar os demônios perguntando-lhes os nomes, os malefícios que têm causado, como entrou na vida da vítima e quem é o chefe" (BIACHETTI, 2011, p. 5). Para maior humilhação, a intolerância de pastores e obreiros denigre a imagem simbólica das entidades, eles pedem para as entidades ficarem de joelho em uma dada ocasião na qual o pastor pede ao público que mande fogo, ao que prontamente o público atende: "Queima! Queima! Queima Jesus! Queima; o pastor sempre instiga o público, "mais fogo! Mais fogo pessoal, vamos lá, fogo pra cá!"(BIACHETTI, 2011, p. 6). Nesse momento a fé dos fiéis incinera todas as entidades afro-brasileiras e segundo ele "as entidades emitem gritos padecidos de quem se encontra de fato em uma "grande fogueira santa", imagem a que comumente os fiéis se referem quando de uma sessão de descarrego" BIACHETTI, 2011, p. 6).

Após os membros apreciarem o espetáculo chamado de exorcismo passa despercebido um futuro constrangimento que o indivíduo possa vir a passar devido a exposição de seus segredos, , quando entrevista a entidade chamada pelos líderes de demônio revela seus segredos mais ocultos para toda a plateia, sem qualquer sentimento de culpa os exorcistas levam a libertação da pessoa como um troféu, mas esquecem de possíveis danos emocionais causados pelo espetáculo conduzidos por eles próprios. Outro símbolo da umbanda que também está associada a "sessão do descarrego" na IURD e na Umbanda é o Banho de arruda. Dentro desse culto existem alguns rituais, sendo um deles o "banho do descarrego", com a mesma intenção na "sessão do descarrego. Atualmente embora possa estar presente nesse ritual é também realizado separadamente, desenvolveu-se com a prática de aspersão.

[...] o fiel que se dispõe a participar desse ritual recebe simbolicamente um banho, comparado há um banho de chuva. Seria o banho do descarrego, outra maneira comumente realizada entre os membros ou interessados em recorrer a esse ritual de libertação, acontece com o

transporte de pequenas medidas do banho em saquinhos, sendo que os fieis tem a opção de banharem-se ou usá-los na limpeza de suas casas, ou seja, de forma que possam também alcançar o propósito do ritual. As propriedades que compõem esse banho dão sentido exclusivo ao ritual. Exatamente em função do simbolismo subjacente as substâncias. Nele contida (ROCHA, 2009, p. 14)

A Umbanda é atacada pela IURD em seus discursos por decorrência dos símbolos e rituais mágico-religiosos, a qual denominação imputa a eles características demoníacas. De uma forma incoerente com seu discurso, algumas práticas da Umbanda são absorvidas pela denominação e tomam novos significados e a partir dos mesmos a comunidade evangélica atrai fieis. Analisamos na Umbanda somente o sal e a Arruda, mas há uma diversidade de símbolos e rituais do espiritismo na denominação. “[...] de tanto retirar demônios e encostos, exorcizar possessos, realizar rituais de descarrego e de fechamento de corpo, usar água benta, sal grosso, galhos de arruda, evocando sistematicamente a umbanda, a IURD assimila crenças, práticas e características dos adversários.” (SOARES apud FONSECA & MORAIS, 2007 p. 138). A aderência dos símbolos das religiões afro-brasileiras, sendo específico da umbanda, é uma estratégia para alcançar os adeptos oriundos dessas religiões.

Esse processo de umbandização no discurso da IURD tem feito crescer em seus cultos o número de adeptos que frequentavam essas religiões. O ataque da IURD em seus sermões a Umbanda é um forma de manifestar a “superioridade” institucional da denominação, que de forma indireta se fundamente numa sociedade em que o preconceito esta voltado para os elementos culturais de origens africanas.

### **“GUERRA RELIGIOSA”: A DEMONIZAÇÃO ATRIBUÍDA PELA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS AOS EXUS**

Quando pesquisamos o campo religioso brasileiro nos deparamos com varias transformações, sendo uma delas a intolerância religiosa. Intolerância essa que Soares (1990), chama de “guerra religiosa” ou Segundo Corten (1996) “guerra espiritual”. A IURD na contemporaneidade é uma das principais instituições religiosas que tem opressora das religiões afro-brasileiras, combatendo suas entidades, tomando o momento do exorcismo o mais espetacular dos seus cultos e discursos, assim fazendo desse momento um meio para alcançar os adeptos. O ritual de exorcismo realizado é uma propaganda favorável à denominação, o mesmo seria um modo para apresentar ao fiel o poder e o domínio da instituição diante das forças demoníacas. Quando o corpo de uma pessoa esta possuído por um entidade da Umbanda, o mesmo precisar ser expulso, o ato de expulsar a entidade se torna uma forma de adquirir superioridade diante da religião afro-brasileira

A IURD enfatiza em seus discursos que os Exus são causadores de males e problemas que afetam as pessoas, chamados pela denominação de “demônios”, Macedo diz que eles têm como objetivo levar a humanidade para caminhos de crises conjugais, familiares, emocionais, financeiras e muitas outras. Segundo Macedo (1987) “Um demônio é uma personalidade; um espírito desejando se expressar, pois anda errante procurando corpos que possa possuir, para através deles cumprir sua missão maligna”. (MACEDO, 1987, p. 9). Segundo ele a origem de todos os males que afligem a humanidade é devido à ação demoníaca, vejamos o que ele escreve em seu livro “Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?”, “Tudo o que existe de ruim neste mundo têm sua origem em satanás e seus demônios. São eles os causadores de todos os infortúnios que atingem o homem direta ou indiretamente” (Macedo, 1987, p. 103). Segundo os esclarecimentos de Barros (1995) “para a IURD, o demônio não é somente a antítese (o archi-inimigo) de Deus. Ele é a encarnação do mal; uma presença constante e

ameaçadora na vida e no cotidiano das pessoas" (BARROS, 199, p. 146). Segundo a opinião de Macedo a respeito das entidades das religiões afro-brasileira:

Com nomes bonitos e cheios de aparatos, os demônios vêm enganando as pessoas com doutrinas diabólicas. Chamam-se orixás, caboclos, pretos velhos, guias, espíritos de luz, etc. Dizem-se ser exus, erês, espíritos de crianças, médicos famosos, poetas famosos, etc., mas na verdade são anjos decaídos (MACEDO, 1987, p. 48).

De acordo com as frases ditas por Macedo (1987) em seus livros, podemos perceber que essa ideologia é implantada por ele na mentalidade de líderes e obreiros da IURD e com esse pensamento a respeito das religiões afro-brasileiras a denominação vem discursando em frente às câmeras, microfones e rádios de forma antiética e intolerante. Os esclarecimentos de Oro (1997) a respeito do espetáculo da denominação mediante as religiões afro-brasileira e de extrema importância para essa pesquisa, ele enfatiza que:

Mas, é por ocasião dos rituais celebrados nos templos, sobretudo nos momentos fortes da possessão, que ocorre a dramatização da diabolização, quando os demônios se "manifestam" em forma de entidades afro-brasileiras e são expulsos mediante o exorcismo. Nesses momentos – que, segundo o fundador Macedo (1987), ocupam "lugar central no culto" (Macedo apud Oro, 1997, p. 26) – "os demônios são humilhados e até mesmo achincalhados" (Macedo apud Oro, 1997, p. 26) e "milhares de pessoas tem se libertado dos exus, caboclos, orixás, erês, e outros demônios" (Macedo apud Oro, 1997, p. 26). É especialmente nas sextas-feiras, mas não só – ocasião em que em todas as igrejas universais do país é realizada a "corrente da libertação" do diabo e suas obras malignas – que ocorre o confronto belicoso com as religiões afro-brasileiras (ORO, 1997, p. 27).

Para Mariano (1995) "[...] Há tempo os rituais, as crenças, os deuses e guias dos cultos afro-brasileiros e espíritas são percebidos e classificados como demoníacos pelos evangélicos e até por alguns expoentes da Igreja Católica" (MARIANO, 1995, p. 100) As ideologias da denominação são marcadas por uma "demonização" das entidades

da Umbanda, a intolerância esta impregnada nos discursos dos obreiros e bispos. Em grande parte dos discursos, as entidades são associadas a todos os males da sociedade brasileira. Enfim, o pensamento mágico-religioso construído pela Igreja Universal transforma em um campo de batalha a sociedade, e neste campo quem deve ser vencido são as entidades das religiões afro-brasileiras.

A pluralidade, mercantilização e o consumo da fé no campo religioso brasileiro, permitem a divulgação para o consumo dos produtos materiais e simbólicos das instituições. Quando há uma concorrência religiosa, há uma tentativa de desvalorização do produto da outra concorrência. Encontramos uma grande semelhança entre as religiões afro-brasileiras e a IURD, ambas oferecerem experiência emocional mágica e os dois grupos são abertos à mistura religiosa e ao sincretismo. Segundo Oro (1997), [...] uma crescente lógica mercadológica no campo religioso brasileiro, sendo o ataque pentecostal às religiões afro-brasileiras uma expressão de concorrência religiosa existente no mercado de bens e serviços simbólicos (ORO 1997, p. 8). As agressões e ataques à religião afro-brasileira e às suas entidades se deve à grande concorrência no mercado religioso, para ele "os maiores concorrentes no mercado de soluções simbólicas e prestação de serviços religiosos para os problemas materiais e espirituais dos estratos pobres da população" (Mariano, 1995, p. 109).

Os símbolos da Umbanda estão sendo deslocados de seu contexto religioso originário comum. Esse deslocamento tem sido motivo de polêmica, crises e descontentamentos entre os adeptos da Umbanda e da IURD. A resignificação atribuída pela denominação neopentecostal aos Exus pode ser uma estratégia para subjugar as entidades da religião afro-brasileira. Pode-se também constatar uma influência árabe, somada com o ideal religioso dos colonizadores portugueses, na concepção de idealizada do diabo Ocidental.

Segundo ele “Os árabes acreditavam que Ech-Cheitân ou Iblis é atarefadíssimo, ocupado em punir e tentar os homens” (BIANCHETTI, 2011, p. 3). Segundo o autor, o dualismo “do bem e do mal foi uma dádiva Oriental, trazida pela irrupção árabe” para os negros. Esses dados históricos são de suma importância para que possamos entender a guerra religiosa entre a Umbanda e a IURD. Segundo Bianchetti (2011), “o simbolismo do bem e do mal entre estes dois ethos são excludentes e opostos. “Tanto nas religiões cristãs como nas afro-brasileiras, o bem e o mal existem e possuem suas características próprias” (BIANCHETTI, 2011, p. 3). Podemos dizer que juntamente com as características do bem e do mal, segundo Soares apud Bianchetti (2011) “a concepção de certo e errado também está no bojo da bipolaridade” (BIANCHETTI, 2011, p. 4).

A diferença está na maneira como esses quatro elementos se combinam. Nas religiões cristãs, o certo está associado ao bem e o errado ao mal. Essa combinação estrangula a busca do prazer e abre as portas para um pensamento maniqueísta, onde os homens se dividem em dois grupos, o mundo em dois lados e a vida em dois caminhos. No caso da Umbanda (...). O Bem e O Mal existem, mas nem sempre o Certo é bom nem tampouco o Errado é necessariamente mau. O Errado pode ser ótimo e o Certo pode ser profundamente penoso (SOARES, 1990, p. 90).

As particularidades dos pensamentos dos evangélicos, de acordo com Bianchetti, adquiriu um sentido geral, independente do credo de outras religiosidades. A análise da religiosidade afro-brasileira é feita a partir de uma ótica ocidental cristão do bem e do mal, sendo assim á uma rotineira interpretação dos pentecostais e neopentecostais de demonizar toda e quais quer crenças e rito que tem associação com Guias, os Orixás e os Exus. Para Bianchetti, “limita-se e esgota o panteão religioso candomblecista e umbandista à sua própria concepção de mundo religioso neopentecostal” (BIANCHETTI, 2011, p. 4). Na IURD, os Exus são interpretados com sendo demônios ou Satanás. Percebe-se

que há um resinificado da entidade característica da Umbanda no contexto do neopentecostalismo.

Para o Pai Zeca os Exus são protetores da humanidade, conhecem os caminhos da humanidade e resolve o que os Orixás não podem resolver, pois os mesmos não colocam as mãos na terra. Segundo Zeca, isso é trabalho dos Exus. Segundo Birmam (1983) “estes representam o outro lado da civilização, a marginalidade. Os Exus são considerados como entidades conhecedoras das ruas, becos, encruzilhadas e dos perigos urbanos” (BIRMAM, 1983, p. 41). Segundo Birman (1983) os Exus são entidades que não estão ligadas aos valores da família e do privado, em contraponto a isso, eles vivem desde as ruas até o cemitério.

Alguns possuem nomes geralmente diferenciados e expressivos, são eles: “[...] Tranca-Ruas, Pomba-Gira – entidade feminina simbolicamente representada por uma prostituta – Exu-Caveira, Zé Pelintra – este último, um Exu do tipo “malandro carioca”, com vasta popularidade, – Sete Encruzilhadas e outros” (BIRMAM, 1984, p. 43). Os Exus são classificados pela Umbanda como entidades urbanas, seus nomes deixam bem claro a sua relação com as ruas e becos. Segundo Birmam (1983) “esta analogia com o “povo da rua” é uma forma de lembrar a massa anônima das ruas, as pessoas comuns que ocupam o espaço público, os malandros, as prostitutas, os trabalhadores nas suas idas e vindas” (BIRMAM, 1984, p. 45).

Há uma diferenciação entre a identidade dos Exus e a identidade do Diabo. Segundo BIANCHETTI (1984) “os Exus são figuras características por sua ambiguidade moral ou por serem considerados amorais. Todavia para os membros da Umbanda, os Exus são seres possuidores e conhecedores das ruas, capazes de mediar, resolver e solucionar qualquer galho” (BIANCHETTI, 2011, p. 7). Mesmo os adeptos da Umbanda fazendo uma interpretação sobre os Exus e o Diabo,

esclarecendo a diferenciação entre ambos, a IURD reinterpreta as entidades como uma interpretação própria e demonizando os Exus. Chamados de “demônio” no culto da IURD, os mesmos são exorcizados, e esse exorcismo se torna o maior espetáculo, e entorno dele o cenário é montado. A palavra “exorcismo” vem do grego *exokismós* e significa afugentar, esconjurar em nome da divindade os espíritos maus que habitam em pessoas, animais ou coisas.

O exorcismo só faz sentido num quadro conceptual, que aceita a possibilidade da possessão. É porque há possessões de pessoas por espíritos considerados maus que se admite a necessidade de expulsá-los. O exorcismo é uma intervenção ordenadora de alguém, cujo poder é aceito como legítimo, ao mesmo tempo em que é também expressão de uma luta mais ampla, ao redor da submissão do ser humano a um tipo de poder. A possessão-despossessão se inscreve dentro de um quadro conceptual próprio de guerra. Deus e Satanás são entes opostos, mas inter-relacionados, porque estão em guerra pela posse da Terra, desde a época em que satanás, um dos antigos auxiliares de Deus se rebelou e, como castigo foi lançado dos seus para a Terra (CAMPOS, 1997, p.337).

Com a queda do diabo e seus cooperadores, é estabelecido na terra um “império Diabólico” a qual tem como objetivo destruir a maior criação de Deus, o homem. E a IURD é uma opositora desse “império”, daí surge o nome da denominação, IURD. Com intuito de destruir o “império das trevas” e implantar o suposto reino de “luz”. Com isso a libertação do homem da escravidão do Diabo e a prioridade em seus discursos e o momento do exorcismo é o auge do seu culto. Vejamos a citação de Edir Macedo em seu livro *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios*: “[...] os exus, os preto-velhos, os espíritos de crianças, os caboclos ou os “santos” são espíritos malignos sem corpo, ansiando por achar um meio para se expressarem neste mundo, não podendo fazê-lo antes de possuírem um corpo” (Macedo, 1987, p. 16).

Edir Macedo busca se apresentar em seus livros como especialista em demônios. Em seu primeiro livro “*Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* Ele procurou demonizar o culto afro-brasileiro. Segundo



Campos (1997), “até 1993, esse livro tinha vendido cerca de 1.5 milhões de exemplares” (CAMPOS, 1997, p.339). Em seu segundo livro *O diabo e seus anjos*, ele sistematiza a teologia da Igreja Universal. Na concepção da denominação religiosa, os demônios (Orixás, Caboclos e Guias) se apoderam do corpo das pessoas, sendo a mesma de muitas maneiras.

Nos discursos dos templos, radiofônicos e televisáveis os pregadores deixam bem claro que a “demônios” que tentam destruir as famílias de geração a geração, pessoas que frequentam terreiros de umbanda, Quimbanda, candomblé, frequentadores da mesa do kadercismo, pessoas que comeram comidas oferecidas e que passaram perto ou em cima de despachos e que contem vícios são pessoas que estão infestadas de demônios e precisam ser exorcizadas para serem libertas dos agentes dos império das trevas. Segundo Macedo, “o povo brasileiro precisa se policiar contra feitiçaria, bruxaria e a magia oficializadas pela Umbanda, Quimbanda, Candomblé, Kardecismo e outros nomes que vivem destruindo as vidas e os lares.” (Macedo, 1987, p. 50). Para ele, se conseguíssemos eliminar todas as religiões afro-brasileiras e outras que tentam contra o “reino” idealizado, certamente seríamos um país melhor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica claro que a IURD faz uso da resignificação, atribuindo novo significado aos rituais e símbolos da Umbanda. Observa-se ainda que a instituição utiliza-se desta estratégia não apenas para diminuir a outra religião, mas também para angariar fiéis provenientes de religiões afro-brasileiras. Neste sentido a intolerância religiosa dos pastores e obreiros iurdianos põe em conflito a matriz religiosa brasileira. No discurso simbólico da IURD percebemos que não há coincidência nas aderências, mas uma estratégia de Marketing, que tem como objetivo a expansão da denominação por meio da “demonização” e combate

às entidades umbandistas, tornando o momento do exorcismo o mais espetacular dos seus cultos. O ritual de exorcismo transforma-se em propaganda favorável à IURD, apresentando ao fiel um discurso de poder e o domínio sobre terceiros.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Mônica do Nascimento. *A Batalha do Armagedom: Uma análise do repertório mágico-religioso proposto pela Igreja Universal do Reino de Deus*. Dissertação de Mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 1995.
- BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BIANCHETTI, Thiago. *Entidades e Rituais em Trânsito Simbólico: a entidade Exu e sua inserção na Igreja Universal do Reino de Deus*, Disponível em: <<http://www.abant.org.br/neab/kule4/textoskule4/thiago%19.pdf>>. Acesso em: 29 nov. de 2011.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de Rituais Afro-brasileiro Sobre a Ótica de Ressignificação Iurdiana: uma etnografia Dos Exus na Umbanda e na Igreja Universal do Reino de Deus*, Disponível em: <<<http://www.ideario.org.br/neab/kule4/textoskule4/thiago%20angeli n.pdf>>>. Acesso em: 29 ago. de 2011.
- CAMPOS, Leonildo. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CARRER, Léo. *Umbanda em Goiânia – limites entre Religião e Magia*. Disponível em: <<<http://www.unucseh.ueg.br/cieaa/downloads/documentos/umbanda-limites-entre-religiao-magia.pdf>>>. Acesso em: 03 de Dez. de 2011.
- CASTRO, Josué. *Discurso Herero Sobre Uma África Cristã: Contribuições Antropológicas Para a Compreensão de Fenômenos Sincreticos*. Disponível em: <<<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/6A%20religiosidade%20brasileira.pdf>>>.
- CENTRO DE UMBANDA CABLOCO TUPINAMBÁ, *Banhos de Descarrego*, Disponível em:

- <<http://www.tuct.com.br/Site/artigos1.php?id=186&layout=2>>.  
Acesso em: 13 Nov. de 2011.
- FERRETTI, Sergi. *Multiculturalismo e Sincretismo*. Disponível em:  
<<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Multiculturalismo%20e%20Sincretismo.pdf>>. Acesso em: 20 jul. de 2011.
- FONSECA, Diego; MORAIS, Leandro. Resignificação Iurdiana das práticas Mágico Religiosas do Campo Afro-Brasileiro em Belém, III Fórum Mundial de Teologia e Libertação, 21 e 25 de Janeiro de 2009, Pará – Belém, 2009.
- GUERRA, Lemuel. *A lógica do mercado na esfera da religião: competição, demanda e a dinâmica dos discursos e práticas religiosas no Brasil*. Disponível em:  
<<<http://yesod.sites.uol.com.br/cadernos/edicao1/logica.htm> >>.  
Acesso em: 23 jul. de 2011.
- HERSKOVITS, Melville J. *Antropologia Cultural*. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>>. Acesso em: 13 Out. de 2011.
- \_\_\_\_\_. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*.  
Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 1995
- MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Universal, 1987.
- NEGRÃO, Lisías. *Entre a Cruz e a Encruzilhada*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.
- ORO, Ari; CORTÉN, André. *Igreja Universal do Reino de Deus: O Novos Conquistadores da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- ROCHA, Franciney. *A Igreja Universal do Reino de Deus, a partir da Fenomenologia das Religiões*, Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências das Religiões) - Faculdade Tecnológica do Pará. Belém, 2009.
- SILVA, Vagner. Neopentecostalismo e Religiões Afro-Brasileiras: Significados do Ataque aos Símbolos da Herança Religiosa Africana no Brasil Contemporâneo. In: *Revista Mana*, 2007, n. 13, Rio de Janeiro, jan./fev. 2007, p. 207-236.
- SOARES, Mariza. "Guerra Santa no país do sincretismo". In: LANDIM, Leilah (Org.) *Sinais dos Tempos: diversidade religiosa no Brasil. Cadernos do Iser*. n. 23. Rio de Janeiro: ISER, 1990.
- PRANDI, Reginaldo. *Deuses africanos no Brasil contemporâneo: Introdução Sociológica ao Candomblé de Hoje*. Disponível em:

<<<http://seer.ufrgs.br/HorizontesAntropologicos/article/view/3810>>>.  
Acesso em: 03 Set. de 2011.

\_\_\_\_\_. "As religiões negras do Brasil: Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros,". *Revista USP*, nº 22, São Paulo, dez./fev., 1996 (b), p. 63-82.

\_\_\_\_\_. "Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX.,". *Revista USP*, n. 1, São Paulo, ago./set., 1990, p. 49-74.

\_\_\_\_\_. "O Candomblé e o Tempo: Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras." *Revista RBCS*, n. 47, Rio de Janeiro, out., 2001, p. 45-58.

### **Lion Granier Alves**

*Especialista em Ensino Religioso (UNIVES),  
Graduado em Teologia (UNIDA),  
Licenciatura em Filosofia (FANAN).*

### **COMO CITAR ESTE ARTIGO**

ALVES, Lion Granier. "A resignificação atribuída pela Igreja Universal do Reino de Deus aos símbolos e práticas umbandistas". *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 2, jul.-dez., 2014, p. 25-43. Disponível na Internet:  
<<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.